

Cem anos a mil: a evolução até um tempo ausente

Mauro Augusto Burkert Del Pino¹

Resumo

As práticas sociais liberais, em suas diferentes vertentes, além de naturalizarem as relações sociais essencializam o mundo. As identidades pós-fordistas estruturam-se cada vez mais pela lógica do mercado. É o resultado de uma época de economia globalizada e de cultura globalizada. A lógica dominante é a do consumo e a escala é global. A educação não escapa deste processo que se coloca a serviço das formas de vida ocidental, dos seus valores, das suas classes dominantes.

Palavras-chave: cultura; educação; identidade; processo de produção; trabalho.

Abstract

Social liberal practices try to impose their values as though they are a natural phenomenon, instead of a product of social construction. The post-Fordism identity becomes more and more structured by the logic of the market, as a result of globalized economy and culture. Consumerism is the dominant logic all over the world. Education does not escape from this process, which exists to serve the interests of the occidental lifestyle and the values of their dominant classes.

Key words: culture, education, identity, process of production, work.

¹ Professor do Conjunto Agrotécnico “Visconde da Graça” da UFPel.
Mestre em Trabalho e Educação e Doutorando em Educação na UFRGS.
Av. Ildefonso Simões Lopes, 2791 - CEP 96087-000 - Pelotas, RS.
Fone: (0532) 23-0622 - (053) 981-9627
E-mail: delpino@ufpel.tche.br

“Não havia flechas para o arco mas não tem importância porque tampouco havia um alvo no qual atirar. Moderno e pós-moderno constituem, por enquanto, um vazio em relação ao qual (ou em direção ao qual) a pós-modernidade é uma flecha ausente.” (Coelho, 1986, p.170)

Século XIX, final da década de 60, início da década de 80. A Inglaterra vivia o período Vitoriano, um período de prosperidade. A revolução industrial que caminhava a “todo vapor”, passou a andar a “ferro e fogo”, em caminhos de aço. Naquele século, várias regiões deste planeta apreciavam muitas invenções. Desenvolveram-se, como nunca visto até então, a ciência e a tecnologia, que passaram a ditar profundas modificações nos mais diversos campos da existência humana. Apareceu, em 1867, a máquina de escrever de Sholes e Deusmore e a prensa rotativa de Narinoni; no ano seguinte são descobertos os jazigos de Cro-Magnon; em 1869, os irmãos Hyatt inventaram o celulóide e Mège-Mouviès iniciou a fabricação da margarina, alimento encontrado hoje em praticamente todos os refrigeradores do mundo; Siemens, em 1870, inventou o torno elétrico para a fabricação do aço; em 1872, Beakland fabricou o primeiro material plástico, o que representou outra grande revolução no campo dos objetos de trabalho, e o Japão constrói sua primeira ferrovia; em 1876 Graham Bell e Grey construíram o primeiro telefone elétrico; em 1877, Cros e Edison inventaram o gramofone e em 1878 Hugues inventou o microfone; no ano seguinte, 1879, novamente Edison, agora acompanhado de Swan, outro criativo pesquisador, inventaram a lâmpada incandescente, enquanto que, neste mesmo ano, Siemens construiu o primeiro trem elétrico; em 1882 foi instalada a iluminação elétrica em New York e Koch descobriu o bacilo da tuberculose, uma enfermidade comparável ao que representa a AIDS nos dias atuais; já em 1883 foi construído o primeiro arranha-céu em Chicago.

Não só a ciência e a tecnologia são privilégios da mente humana. A literatura, a arte e a cultura também apresentaram brilhantes obras que marcaram definitivamente o período mencionado do século XIX. Obras ainda hoje incomparáveis. Meissner publicou, em 1867, em Hamburgo, o primeiro livro de “O Capital”, de Karl Marx, enquanto Strauss escreveu o inesquecível “O Danúbio Azul”; no ano seguinte o mundo conheceu o “Requiem Alemão” de Brahms, enquanto Manet pintava o “Retrato de Zola”; em 1871, ano da primeira exposição Impressionista em Paris, Darwin publicou seu “Descent of Man”; em 1872, Spencer publicou “Estudos de

Sociologia” e no ano seguinte era a vez de Júlio Verne apresentar “A volta ao mundo em oitenta dias”, enquanto Tolstoi começava a escrever “Ana Karenina”; em 1875, Mark Twain escreveu “Tom Sawyer”; 1880, início de nova década, continuação de grandes obras: Wallace escreveu “Ben Hur”, Dostoiewski, “Os irmãos Karamazov” e o mundo conhecia “O Pensador” de Rodin; no ano seguinte, 1881, Machado de Assis escreveu “Braz Cubas”; já em 1883, Nietzsche apresentava “Assim falava Zaratustra”.

Através da História, aprendemos que este período viveu importantes mobilizações e situações que marcaram definitivamente povos, nações e países. Foi em 1867 que as tropas francesas se retiraram do México e que os Estados Unidos adquiriram, mediante compra, o Alasca da Rússia. No ano seguinte foi adotado o sistema parlamentarista na França, modelo para muitos países. Em 1869 aconteceu a abertura do Canal de Suez, enquanto que, na Irlanda, ocorria a separação entre Igreja e Estado. Em 1870 Paris viveu a Revolução, a Comuna e a proclamação da República. No ano seguinte, Roma se converteu na capital da Itália, enquanto na Inglaterra foram legalizados os Sindicatos. Em 1874 foi proibido o trabalho em minas abaixo da terra a mulheres e crianças. Em 1878 morria o Papa Pio IX e assumia o Papa Leão XIII, enquanto o Partido Socialista foi proibido na Alemanha por Bismarck. Já em 1882, os ingleses bombardearam Alexandria e ocuparam o Egito e o Sudão. No ano seguinte, 1883, foram implantados os seguros sociais na Alemanha².

Era um período de prosperidade, especialmente para a Inglaterra, país clássico da revolução industrial³ que começa na segunda metade do século XVIII, com a invenção da máquina a vapor e das máquinas destinadas a trabalhar o algodão. Estas invenções transformaram a sociedade burguesa no seu conjunto e fizeram da Inglaterra também o país clássico para o principal produto desta revolução: o proletariado. A classe trabalhadora inglesa formou-se a partir de um profundo e continuado processo de expropriação de suas propriedades agrícolas, juntamente com a introdução de indústrias na zona rural. O processo de formação da classe trabalhadora é indissociável da formação dos capitalistas, o outro lado de uma mesma moeda. O movimento que transforma os produtores em trabalhadores assalariados foi chamado por Marx de acumulação primitiva, que foi, portanto, “nada mais que o processo histórico de separação entre produtor e meio de produção” (Marx, 1988b, p.252).

² Os dados apresentados até aqui foram extraídos de Quadro Cronológico obtido em Marx, 1985, pp.224-249.

³ Se Engels não criou a expressão revolução industrial, foi um dos primeiros a empregá-la, cf. Clark: *The idea of the industrial revolution*, Glasgow, 1953, In: Engels, 1985, p. 11.

Através de um processo ininterrupto, a indústria centralizou a propriedade nas mãos de um pequeno número de pessoas. Exigia enormes capitais através dos quais construía gigantescos estabelecimentos, arruinando, assim, a pequena burguesia artesanal. Enquanto a pequena indústria dava lugar à classe média, a grande indústria era responsável pelo aparecimento da classe operária. Os grandes estabelecimentos industriais que povoavam a Inglaterra exigiam numerosos operários trabalhando em um mesmo edifício. Desprovidos de terra por um longo processo de expropriação, eles tinham que habitar juntos, nas proximidades das fábricas, tendo em vista, entre outros fatores, a longa jornada que eram obrigados a cumprir. Para uma fábrica média já constituíam uma vila. Surgiam necessidades para cuja satisfação outras pessoas eram necessárias. Artesãos como alfaiates, sapateiros, padeiros, pedreiros e marceneiros afluíam. Os habitantes da vila, especialmente as gerações mais novas, habituavam-se ao trabalho na fábrica e,

logo que a primeira fábrica, como se compreende, já não os pode ocupar a todos, o salário baixa e, por consequência, vêm-se instalar novos industriais. De tal modo que a vila se transforma numa pequena cidade e a pequena cidade numa grande. (Engels, 1985, p.32)⁴

Como a indústria e o comércio se desenvolvem mais perfeitamente nas grandes cidades, era, portanto, exatamente aí que se manifestavam e se desenvolviam mais claramente as consequências sobre o proletariado. Como demonstrou Engels (1985, p.33), “foi aí que a centralização dos bens atingiu o seu grau mais elevado, foi aí que os costumes e as condições de vida dos velhos tempos foram mais radicalmente destruídos”. Ainda conforme Engels, a expressão “*Old Merry England* já não tem mais nenhum sentido, porque já nem se reconhece esta velha Inglaterra pela recordação e pela descrição dos avós” (Engels, 1985, p.33).

Nesses meados de século XIX, já estava consagrada uma ampla reestruturação econômica, acompanhada de profundas mudanças culturais. A indústria já é parte preponderante na economia daquele país, ditando regras, leis e costumes. A velha identidade inglesa, do proprietário rural, pessoa respeitável e bom pai de família, já não dominava mais aqueles campos povoados por fábricas, vilas, pequenas e grandes cidades como

⁴ A população de Birmingham passou de 73.000 habitantes em 1801 para 200.000 em 1844 e a de Sheffield de 46.000, em 1801, para 110.000 em 1844, em um crescimento frenético e incansável. (Ver Engels, 1985, p. 22)

Londres, com seus mais de 3 milhões de habitantes. Os camponeses que tinham os filhos durante todo o dia em casa e inculcavam-lhes a *obediência e o temor a Deus*, que mantinham profundas relações patriarcais que subsistiam até os filhos casarem, que viam o tempo passar através da duração do ciclo do trabalho e das tarefas domésticas, tudo isto era coisa do passado, elementos de uma cultura em extinção⁵. Formavam-se novos hábitos de trabalho, impostos por uma nova disciplina do tempo. As novas tarefas demandadas pela indústria eram administradas através da divisão do trabalho, da supervisão do trabalho, de longas e contínuas horas em prédios fechados (prisões chamadas de fábricas), através do relógio, dos incentivos monetários, da pregação, do ensino, da supressão dos dias de folga. Como constatou Thompson (1991, p.78):

Em 1830 ou 1840 era do conhecimento comum que o operário inglês se distinguia do operário irlandês, não por revelar uma maior capacidade de trabalho, mas pela sua pontualidade, [...] e talvez por reprimir, não as suas alegrias, mas a sua capacidade de se descontrair segundo os métodos velhos e desinibidos.

Assim formava-se a cultura operária inglesa, a identidade de uma classe que assimilou novos hábitos alimentares, de se vestir, de ser, de lutar, de conversar, de se representar e ser representada. Um tempo de trajetória profissional, de carreira profissional, onde “... tener una carrera era adquirir una identidad singular y reconocible” (Gergen, 1992, p.235). Acompanhando esse movimento, a ciência triunfava, fundada em procedimentos racionais, específicos para esses tempos. Mais que isso, as regras de procedimentos aplicados à química e à física eram estendidas a outros campos e, desta forma, pensava-se que “el mundo podría ser liberado de todo cuanto tenía de erróneo, de místico y de tiránico” (Gergen, 1992, p.53).

Ao final do século XIX, o que Gergen chamou de *energías románticas* estavam dissipadas: “Sin duda que los embelesos románticos eran una compañía poco congruente para el expansionismo mercantil del mundo occidental” (Gergen, 1992, p.51). A visão romântica era incongruente com a produção em massa, com o racionalismo científico, com a crescente complexidade do mundo moderno, que se fazia refletir na noção de *sujeito sociológico*. Esta concepção de identidade distinguia-se do sujeito do iluminismo por este compreender a pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado em um núcleo interior, que surge quando o

⁵ “La revolución industrial y el distanciamemnto concomitante del padre (y de sus hijos varones adolescentes) de la hacienda familiar o la industria casera para trasladarse a un lugar remoto provocó un cambio drástico en la familia.” (Gergen, 1992, p.230)

indivíduo nasce e com ele se desenvolve permanecendo essencialmente o mesmo. A concepção do sujeito sociológico entende que “a identidade é formada na *interação* entre o eu e a sociedade” (Hall, 1992, p.3). O núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas “formado em relação com *outras pessoas para ele importantes*, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (Hall, 1992, p.3). Os grandes prédios fabris, com sua cultura, sua disciplina, sua pouca ventilação, faziam parte do cotidiano da vida dos operários daquele tempo, tornando compreensível que o meio social influenciasse notavelmente a identidade. A classe trabalhadora passava a reunir um número cada vez maior de pessoas, não apenas homens, mas mulheres e crianças que, quotidianamente, sob longas jornadas, habitavam o mesmo lugar com as mesmas pessoas, realizando as mesmas tarefas exaustivamente, acumulando semelhantes sensações, semelhantes sentimentos, baseados em hábitos que se espalhavam, forjando a identidade dessa classe.

Passado mais de um século, chegamos a um tempo chamado por Hall de *modernidade tardia* (Hall, 1992). As relações pessoais que tendiam a ser seguras, com procedimentos coerentes, desenvolvidas em um ambiente de trabalho quase estático, com mudanças que se operavam a longo prazo, submergem em *redes de saturação social* que giram a velocidade estonteante. As sociedades modernas são, como muito bem definiu Hall (1992, p. 4), “sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. Enquanto as sociedades tradicionais eram estruturadas por práticas sociais recorrentes, “a modernidade, em contraste, não é definida apenas como a experiência de conviver com a mudança rápida, abrangente e contínua, mas é uma forma altamente reflexiva de vida” (Hall, 1992, p.5). Estas modificações no tempo e nas relações sociais estão intimamente relacionadas a importantes acontecimentos no campo das ciências, da tecnologia e da comunicação. Se a mais ou menos cem anos atrás o homem vivia o alvorecer de uma época de invenções e de mudanças em diversos campos da vida humana, agora aqueles acontecimentos nem parecem mais *grandes invenções*.

“Iluminar New York? Mas algum dia não existiram luzes pelas calçadas?”. Certamente, esta seria a expressão de surpresa com que um garoto reagiria hoje ao ser perguntado quando aquelas ruas foram iluminadas pela primeira vez. Realmente, a velocidade com que se operam modificações é alucinante. Se há um século Darwin inovava ao demonstrar a evolução das espécies e, em particular, a evolução do macaco até o homo-sapiens, fazendo com que muitos duvidassem da providência divina, enquanto outros desejassem crucificá-lo por blasfêmia, hoje o homem

desenvolve a tecnologia da clonagem com uma rapidez antes nunca imaginada. Em uma semana é anunciado o clone de uma ovelha (Escócia, 1996). Na semana seguinte o clone de um macaco (EUA, 1996). E as novidades não param de surgir. A engenharia genética, a reestruturação produtiva baseada na informática e na microeletrônica, arrasam economias e modificam profundamente o processo de trabalho, que continua sendo processo de trabalho capitalista. Entretanto, a reestruturação existente hoje não é apenas do processo de *trabalho* capitalista, há uma reestruturação do processo de *produção* capitalista, na medida em que não é possível separar o processo de valorização e o processo de trabalho capitalista. Como demonstrou Marx (1988a, p.148), o “processo de produção tem de ser unidade de processo de trabalho e processo de formação de valor”. Se o processo de trabalho transforma-se, há mudanças também no processo de valorização, pois eles estão intimamente relacionados, são indivisíveis, seu desenvolvimento é recíproco e interligado. Disto resulta novas formas de exploração da classe trabalhadora, não há como ser diferente.

Este desenvolvimento todo modificou profundamente o mundo do trabalho, a ponto de alguns autores como Claus Offe, Adam Schaff, e Robert Kurz⁶ questionarem a própria permanência da categoria trabalho como central para a compreensão da sociedade atual. O fato, o que as pesquisas demonstram, é que a indústria não é mais como era até meados deste século. As fábricas não estão, preponderantemente, alojadas em amplos templos cheios de grandes máquinas, reunindo centenas, as vezes milhares de operários. As profissões tradicionais se extinguem à mesma velocidade que novas ocupações surgem, voltadas não mais para operar pesadas e robustas máquinas de aço e graxa, mas para supervisionar autômatos a base de silício e cobre. A comunicação converte-se em elemento estratégico neste final de século. Como muito bem percebeu Santos (1994, p.46), “a terceira revolução tecnológica, a revolução eletrônica, consagrou o valor da informação como riqueza”.

Estes tempos de frenética mudança são acompanhados de instabilidade⁷, de desemprego, de modificações não só no espectro do trabalho, mas por uma descaracterização também do trabalhador e de suas formas associativas. As grandes fábricas que proporcionavam grandes sindicatos não são mais a regra. O emprego estável, o macacão azul engraxado e a Carteira de Trabalho, em breve, podem até ser *peça de museu*. O trabalhador não passa mais 12 horas diárias trabalhando no

⁶ Ver: Offe, C. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984; Schaff, A. *Sociedade informática*. São Paulo, Brasiliense, 1990; Kurz, R. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

⁷ “... 40% da população latino-americana se encontra privada de trabalho estável e de condições mínimas de segurança.” (Canclini, 1995, p.19)

interior da fábrica, constituindo aí sua identidade, sua subjetividade. Ao contrário, a vida se estabelece cada vez menos no interior da fábrica, ao lado de outros trabalhadores. A jornada de trabalho decresce no interior da fábrica e cresce fora dela. Há aqueles que não são mais trabalhadores. Existem aqueles que trocaram de profissão⁸. Alguns são autônomos, outros estão no chamado setor informal e existem os que não conseguiram se reciclar e acompanhar o ritmo alucinante que anuncia o próximo milênio, amargurando um desemprego estrutural, sem chances de reingressar no chamado mercado de trabalho. A maneira neoliberal de fazer a globalização passa pela redução de custos e, em conseqüência, pela redução do número de trabalhadores efetivados. Esta estratégia tem colaborado profundamente para o esgotamento desta doença em fase terminal chamada emprego.

A modernidade tardia não poupa fronteiras, é cega em relação a nacionalidade, ao sexo, a sexualidade, a idade. Transcender, extrapolar regiões parece ser o grande lema/desafio que chama-se globalização. Se a cem anos atrás era possível falar de um país, hoje fala-se de blocos econômicos, da OCDE (Organização Européia para o Comércio e Desenvolvimento), do MERCOSUL, dos tigres asiáticos. A escala é global. Os interesses e as relações se estabelecem por todo o Planeta. O espaço não é fronteira, o tempo não é limite, não faz mais sentido. As relações sociais se desenvolvem intimamente vinculadas as relações de poder. Isto faz com que as velhas identidades – que por tanto tempo estabilizaram a sociedade – entrem em decadência, surgindo novas identidades, baseadas em um indivíduo que se fragmenta, multirelacionado, multifacetado, que não se constrói apenas em casa e na fábrica, ou no campo e na família. Como mostrou Gergen, as novas tecnologias permitem aumentar o círculo de relações diretas ou indiretas com um número cada vez mais vasto de indivíduos que estão em todas as direções, em todos os continentes. Em vários aspectos, estamos alcançando o que ele denominou de *estado de saturação social*: “las concepciones románticas como las modernas sobre el yo están desmoronándose por el desuso, al par que se erosionan los basamentos sociales que las sustentan, por obra de las fuerzas de la saturación social” (Gergen, 1992, p 26).

Ao ingressarmos na era pós-moderna, as concepções anteriores sobre o eu *correm perigo*, da mesma forma que as ações que lhes davam alento e sentido. As múltiplas relações, a diversidade de estratégias desenvolvidas para superar a instabilidade do mercado de trabalho, a imersão em um estado de *saturação social*, fazem com que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente torne-se uma *fantasia*, ou dito de

⁸ “En 1986, más de diez millones de norteamericanos cambiaron de ocupacion.” (Gergen, 1992, p.235)

outra forma, seja vivida apenas na imaginação de homens e mulheres. Isto tem levado diversos/as autores/as a suporem que o eu está fundamentalmente cindido, que os indivíduos tendem a desenvolver uma multiplicidade de eus, não existindo um núcleo interno ou identidade própria. É esta dinâmica que permite Hall afirmar que:

As pessoas não identificam mais seus interesses sociais exclusivamente em termos de classe; a classe não pode servir como um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora através da qual todos os variados interesses e todas as variadas identidades das pessoas possam ser reconciliadas e representadas.” (Hall, 1992, p.7)

Se a realidade fordista constituía-se para a classe trabalhadora a partir de um processo de convívio no interior da fábrica, exercendo rotinas e procedimentos repetitivos juntamente com um significativo número de trabalhadores, nestes tempos pós-fordistas as variáveis que formam e decompõe a identidade fragmentado-a e tornando-a um produto inacabado são tão diversas quanto são as conexões sociais. Isso muito deve à globalização. Efetivamente, os interesses sociais e as relações sociais devem ser explicadas também a partir das relações de gênero, etnia, sexualidade, afetividade e não mais exclusivamente pela classe social. O pós-modernismo está constituindo-se por uma pluralidade de vozes que disputam, que “rivalizam por el derecho a la existencia, que compitem entre sí para ser aceptadas como expresión legítima de lo verdadero y de lo bueno” (Gergen, 1992, p.26). Mesmo o fundamentalismo religioso deve ser considerado quando analisamos certas situações históricas, como o crescimento de certos grupos sociais que proliferam por vários países.

Segundo Larrain (1996, p.105), o primeiro autor a falar do *descentramento do sujeito* foi Foucault. Este fenômeno, segundo Foucault, foi detectado pelas investigações da psicanálise, da lingüística e da etnologia. A partir daí, outros importantes autores desenvolveram estudos e investigações que apontam para o descentramento das identidades modernas, que passam por um deslocamento ou fragmentação, tendo em vista a saturação social operada pela convulsão globalizada. É o que nos afirma Hall (1992, p.3), ao salientar que o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, torna-se fragmentado por ser composto não de uma, mas de várias identidades, nem sempre coerentes e resolvidas. Ainda segundo Hall, “autores como Giddens, Harvey e Laclau coincidem em suas leituras da natureza da mudança do mundo pós-moderno, cujas ênfases na descontinuidade, na fragmentação, na ruptura e no deslocamento contêm uma linha comum” (Hall, 1992, p.6). É assim que

o conceito de *eu autêntico*, dotado de características reconhecíveis, lógicas, desfaz-se pelo tempo através do espaço. Desmantela-se o eu possuidor de características realmente identificáveis como a racionalidade, a vontade e a emoção. O sujeito deste fim de século é o produto de uma cultura e de um momento histórico muito peculiar, estranho e original na história da humanidade. A identidade não está resolvida, não é um produto acabado, mas sim um processo continuado e ininterrupto, que nunca chega a completar-se totalmente. A sensibilidade pós-moderna questiona o eu verdadeiro e autêntico. A saturação social proporciona uma multiplicidade de linguagens, de construções incoerentes e desvinculadas entre si, que perturba relações humanas permanentes, sentimentos inquestionáveis e reconhecíveis. A multifrenia⁹ cumpre um papel fundamental na premissa sobre a não existência de um eu verdadeiro e reconhecível.

A identidade, pois, é fruto de um processo social, de relações sociais que operam nos diferentes setores da vida humana. Como disse Sarup, “... la identidad es una construcción, la consecuencia de un proceso de interacción entre personas, instituciones y prácticas” (Sarup, 1995, p.279). A identidade como *relação social*¹⁰, enquanto *construção social*, não está desvinculada das relações de poder. Ao contrário, o indivíduo com sua identidade e características é o produto de uma relação de poder que é exercida sobre os corpos e as mentes. Isto significa que, apesar do pensamento pós-moderno anunciar que o eu é composto por uma pluralidade de vozes, não podemos descartar certa predominância de uma identidade construída socialmente a partir do que é tido como *normal*. O eurocentrismo estabelece o *outro*, o não-europeu como marginal e inferior. Não podemos desprezar, como nos lembra Peter McLaren (1995, p.135), “que a cultura branca possui o poder de colonizar a definição do normal com relação a classe, gênero, sexualidade e nacionalidade. O branco, macho, adulto continua no comando. Relações assimétricas de poder e privilégio se multiplicam a partir dos mesmos vetores que alimentaram durante séculos relações de exploração e opressão, como a economia, a política, a cultura.

Sobre o que é normal, natural, é interessante observar como os economistas liberais têm um modo singular de proceder. Como afirmou Marx (1976: 96), “para eles existem apenas duas espécies de instituições, as da arte e as da natureza”. As instituições da burguesia são instituições *naturais*, evidentemente, enquanto todas as outras são instituições *artificiais*, fabricadas. Este processo de naturalização acaba permeando todo o fundamento do liberalismo, a ponto de atribuírem um caráter divino às relações capitalistas, as quais, obviamente, seriam relações *naturais*,

⁹ Segundo Gergen (1992), multifrenia diz respeito a fragmentação e colonização da experiência do eu.

¹⁰ “... a identidade é, primeiramente e antes de tudo, uma relação social.” (Britzman, 1996, p.92)

próprias do ser humano e, por isso, feitas a semelhança de Deus. Marx, em *Miséria da Filosofia* disse muito claramente (Ibidem: 96-97):

“Nisso [os liberais] parecem-se com os teólogos, que também estabelecem duas espécies de religião. Qualquer religião que não a sua é uma invenção dos homens, ao passo que a sua própria religião é uma emanção de Deus. Dizendo que as relações actuais – as relações da produção burguesa – são naturais, os economistas dão a entender que se trata de relações nas quais se cria a riqueza e se desenvolvem as forças produtivas de acordo com as leis da natureza. Portanto, essas relações são elas próprias leis naturais independentes da influência do tempo. São leis eternas que devem reger sempre a sociedade. Assim, houve história, mas não haverá mais.”

Nesta passagem, Marx já prenunciava a retórica do fim da história, recentemente explorada por Fukuyama (1992) e tomada como regra por tantos outros liberais a partir da derrocada do leste europeu. O fim da história “naturaliza” o mundo, como se o que é dito sobre a história fosse ela mesma. Trata-se de uma representação realista, a qual é, como demonstrou SILVA (1997: 25), “fundamentalmente conformista: até mesmo (ou principalmente) quando faz denúncia social”.

As práticas sociais liberais, em suas diferentes vertentes, além de naturalizarem as relações sociais essencializam o mundo. “O essencialismo congela o significado. Ele é original: tem uma origem e não é deste mundo. Ele é eterno: existiu e sempre existirá para todo sempre” (Ibidem: 26). É transcendental. Neste ponto se estabelece um *fetichismo da representação social*, onde, na representação, se escondem as relações sociais que a constituem. É como se a humanidade, definitivamente, tivesse encontrado a forma divina de relacionamento econômico. Esta expressão divina para os liberais não é outra coisa se não a forma capitalista de produção e distribuição de mercadorias.

Enquanto isso, a posição ocupada pelo indivíduo no mercado de trabalho cada vez mais perde influência para o papel desempenhado no mercado de consumo. Isto é, se anteriormente o que importava era o emprego, a ocupação no mercado de trabalho, agora o que interessa é o consumo. As identidades pós-fordistas estruturam-se cada vez mais pela lógica do mercado. É o resultado prático de uma época de economia globalizada e de cultura globalizada. Cada vez mais somos o que consumimos. É o que afirma Friedman (1994, p.332), quando diz que “... o consumo, a parte libidinosa da reprodução social, é uma parte significativa

da definição diferencial dos grupos sociais e dos indivíduos.” Canclini também é enfático nesta questão:

Vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a possuir. As transformações constantes nas tecnologias de produção, no desenho de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre sociedades - e do que isto gera na ampliação de desejos e expectativas - tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade étnica ou nacional. (Canclini, 1995, p.15)

A lógica dominante é a lógica do consumo e a escala é global. Com a amplitude desta dimensão cria-se a possibilidade do que Hall (1992) chamou de *identidades partilhadas*, isto é, consumidores para os mesmos bens, clientes para os mesmos serviços, públicos para as mesmas imagens, mesmo entre pessoas que estão extremamente distantes umas das outras, cidadãos de diferentes nações. É isto que forja o conceito identificado anteriormente como *normal*, espalhando, desenvolvendo e solidificando as relações de poder e dominação através do espaço e pelo tempo. A diferenciação local, sem dúvida, tem sido habilmente explorada pelo processo de globalização, que atinge a todos e a todas, independente de classe, gênero ou etnia. Isto faz com que inclusive indivíduos extremamente pauperizados sejam invadidos pelos componentes institucionais da globalização. Ninguém escapa, é uma das fatalidades deste final de século. Se por um lado a globalização tem o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e unificadas, não podemos esquecer que o capitalismo global é na verdade, um processo de ocidentalização, um instrumento a serviço das formas de vida ocidental, dos seus valores, das suas prioridades, das suas mercadorias, das suas classes dominantes. Este processo, a globalização, pode ser resumido, conforme Canclini, “como a passagem das identidades modernas a outras que poderíamos chamar, embora o termo seja cada vez mais incômodo, de pós-modernas” (Canclini, 1995, p.35).

Nesta época globalizada, os meios de comunicação de massa ocupam um papel central, agindo de forma eficaz e profunda na vida cotidiana¹¹. Os meios de comunicação, nas suas mais variadas e múltiplas aparições, produzem subjetividades, compõe a identidade fragmentada e contraditória necessária a esses tempos de instabilidade, de mudanças rápidas e

¹¹ Sobre esta questão ver: Fischer, R. M. B. *Adolescência em discurso*. Mídia e produção de subjetividade. Tese de Doutorado. Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

atordoantes. Cumprem este papel de maneira muito mais eficaz e rápida do que a escola e outras tantas instituições formadoras de opinião e subjetividades. São o símbolo mais intenso e representativo das necessidades de uma cultura global mercantilizada e mercantilizável. A TV a cabo, os satélites, a Internet ensinam como conviver com rápidas, intensas e profundas relações humanas, ao mesmo tempo que mostram que devemos aprender a nos desligar de um mundo e nos sintonizar em outro, onde habita o ciber-espaço, um espaço inexistente, mas passível de controle e de rebeldia também. Ensinam como ingressar em um grupo e como abandoná-lo. Tudo é parcial e superficial e, por isso, profundo, rápido e inesquecível.

Um mundo em ebulição constante, onde tudo é construído. Um mundo onde não existe certo nem errado. O que existe é opinião pública. E opinião pública se fabrica, se constrói. Tudo é construção humana, em matéria, em discurso. Assim é a moral e a ética. O chamado *maniqueísmo bom/ruim*, é rechaçado para que tudo seja possível. Apenas depende do quê e para quem. O poder permeia as relações humanas e relativiza todas as situações para dar vazão ao mercado e ao consumo. Como diz McLaren, a cultura pós-moderna hiperfragmentada e predatória mapeia e manipula sons, imagens e informações, “forçando a identidade a refugiar-se nas formas de subjetividade cada vez mais experimentadas como isoladas e separadas de contextos sociais maiores” (McLaren, 1995, p.117). O todo faz cada vez menos sentido. O indivíduo e o seu poder de consumo ganha em relevo e em destaque. Desde logo os meios de comunicação introduzem a criança e o adolescente na esfera do *consumo desejado*: consumo pelo consumo. Desejo de consumir para satisfazer o desejo de consumir e não consumir para satisfazer desejos de uso. A mídia cria uma necessidade exteriorizada, uma *necessidade construída*. Os valores de uso passam a ser socialmente e historicamente construídos. A necessidade é construída, assim como a identidade é uma construção social.

A cultura do jovem adolescente está sendo estabelecida a partir de uma construção discursiva que poderia ser chamada de identidade *pós-operária*, isto é, aquele trabalhador individual, sem Carteira de Trabalho e sem fábrica, terceirizado, chamado de *colaborador* ou de *associado*. Que aprende desde logo as regras da falta de regras; da falta de trabalho; da falta de serviços públicos, como a educação; da falta de relações estáveis e duradouras; da idolatria do privado, do indivíduo; que aprende que os meios de comunicação são a pura verdade, imbatíveis perante qualquer escola.

Para concluir, como síntese do que pretendi mostrar aqui, escrevi uma história, uma imagem, um retrato do que são as relações necessárias nestes tempos de globalização, de reestruturação produtiva. A história diz o seguinte:

Enquanto isso, mais um jovem encontra-se frente à frente com um aparelho de televisão. Está só na sala de um pequeno apartamento na periferia de uma cidade qualquer, porque globalizada também foram as maquetes urbanas, assim como foram os *Shopping Centers*. A aula na escola acabou mais cedo, como era comum acontecer na escola pública. Se a escola era um martírio, a tela colorida lhe dava um prazer especial. Está assistindo um filme, filme de ação, gênero preferido por 9 entre 10 adolescentes. A estória que passa na televisão mostra uma cena que se desenvolve na cela de um manicômio. O pequeno quarto alberga sete homens. Um deles pergunta ao recém chegado interno:

– Você sabe por que está aqui? E, em continuidade, responde: “Você está aqui porque eles não precisam de você lá fora. Eles informatizaram tudo, tudo é automático, eles não precisam de você lá fora. Eles só precisam de consumidores. Mas se você não compra, não gasta dinheiro, não troca de carro, não tem computador e nem celular, você está louco e eles não precisam de loucos lá fora, eles só precisam de consumidores.” E continuava a falar rapidamente, como se tivesse pressa de explicar alguma coisa, de parecer sensato e coerente.

E o menino, absorto pela “razão cínica” que assistia, comentava consigo que estava sendo gratificante e boa mais aquela tarde *sem aula...*

Referências bibliográficas

- BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *Educação e Realidade*, 21 (1), jan-jul, 1996.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e cidadãos*. Conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1995.
- COELHO, T. *Moderno Pós-Moderno*. Porto Alegre, L&PM Editores, 1986.
- ENGELS, F. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo, Global, 1985.
- FISCHER, R. M. B. *Adolescência em discurso*. Mídia e produção de subjetividade. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.
- FRIEDMAN, j. Ser no mundo: globalização. In: M. Featherstone (Org.). *Cultura global, Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- GERGEN, K. F. *El yo saturado*. Dilemas de la identidad en el mundo contemporáneo. Barcelona. Paidós, 1992.

- HALL, S. The question of cultural identity. In: Hall, S., Held & McGrew, T. (Orgs.). *Modernity and its futures*. Cambridge, Polity/Open University, 1992.
- KURZ, R. *O colapso da modernização: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- LARRAÍN, J. *Modernidad, razón y identidad en América Latina*. Santiago de Chile, Andres Bello, 1996.
- MARX, Karl. *Miséria da filosofia: resposta à filosofia da miséria do senhor Proudhon*. 2.ed. Porto: Escorpião, 1976.
- MARX, K. *Manuscritos*. Economía y Filosofía. Madrid, Alianza Editorial, 1985.
- MARX, K. *O capital*. Crítica da economia política. Vol. I, São Paulo, Nova Cultural, 1988a.
- MARX, K. *O capital*. Crítica da economia política. Vol. II, São Paulo, Nova Cultural, 1988b.
- McLAREN, P. *Critical pedagogy and predatory culture*. Londres, Routledge, 1995.
- OFFE, C. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.
- SANTOS, L. O homem e a máquina. *Imagens*, n.3, dez. 1994.
- SARUP, M. Hogar, identidad y educación. In: Vários. *Volver a pensar la educación*. Vol. I. Madrid, Morata, 1995.
- SCHAFF, A. *Sociedade informática*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Trabalho, educação e prática social*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.